

PSICOLOGIA AMBIENTAL. ABORDAGEM ROGERIANA.

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

A Abordagem Rogeriana e a Psicologia da Gestalt que deriva da Gestal'terapia de Perls são duas das mais conhecidas e efetivas abordagens contemporâneas de psicologias fenomenológico existenciais. De ampla aplicação, no âmbito da chamada clínica psicológica, dos trabalhos com grupos, dos trabalhos na escola e na empresa, e dos trabalhos de ação social, essas abordagens não foram pensadas, conceituadas e exercidas ainda com relação a sua pertinência e produtividade no âmbito da Psicologia Ambiental especificamente fenomenológica e existencial. A lacuna é muito significativa enquanto tal, na medida em que é a ruptura paradigmática que essas abordagens constituem em direção a uma ontologia fenomenológica que permite não só uma interpretação do ambiente em sua ontologia, como uma avaliação ontológica e especificamente estética do ambiente. Ou seja, uma apreensão, uma apreensão compreensiva, compreensão, e uma avaliação, especificamente estéticas do ambiente, no âmbito de sua ontologia. A psicologia fenomenológico existencial, portanto, a Abordagem Gestáltica e a Abordagem Rogeriana, permitem assim importantes abordagens de psicologia ambiental, assim como importantes subsídios para a militância ambientalista, para a educação e produção cultural ambientalistas, e para ciência ambiental; na medida, em particular, que contribuem diferenciadamente na constituição de uma ética ambiental especificamente fenomenológica, e existencial, estética, e em consonância com uma ontologia fenomenológica e existencial do ambiente. Para além dos paradigmas idealista, e dos paradigmas objetivistas e coisificantes do ambiente.

PSICOLOGIA AMBIENTAL FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL

O AMBI-ENTE.

Em outro local (v. FONSECA, Afonso H L *O Ambiente somos nós*.) tratamos da integridade, da integração, que somos nós, enquanto *Ambiente*, ao modo de sermos de nossa dialógica fenomenológico existencial, e ontológica. Em nossa hermenêutica existencial.

Em nossa vivência ontológica, o ambiente é sempre a radicalidade alteritária de um *tu*.

E, igualmente, em nossa condição e modo ontológicos de sermos -- ou seja, ao modo ontológico, compreensivo, fenomenológico e existencial, dialógico -- e ativo --, de sermos --, estamos, necessariamente, implicados com o ambiente; na

intensionalidade deste modo de sermos, estamos, necessária e inextricavelmente, implicados com esta radicalidade alteritária de um ambiente como *tu*, em sua ontologia (no seu sentido de devir), na dinâmica de seu devir outro, anteriormente à experiência da dicotomização sujeito-objeto.

Ou seja, ao modo fenomenológico e existencial de sermos, ao modo dialógico de sermos, modo hermenêutico de sermos, ativo, atualização, ao modo empático de sermos, somos, necessariamente, *com* o ambiente; integridade e integração, na dialógica inter ativa da momentaneidade da relação eu-tu.

E é, apenas, na vivência deste modo ontológico de sermos que o ambiente pode se dar -- que nos podemos dar --, em nossa ontológica, dialógica. É apenas na vivência desse modo ontológico de sermos, e conhecermos, que podemos nos dar em nossa dialógica ontológica, inextricavelmente implicados com o ambiente enquanto radicalidade alteritária de um tu – que não é objeto, que não é útil, que não é prático.

Ou seja: em seu modo e condição ontológicos de ser, em nosso modo e condição ontológicos de sermos, e conhecermos, somos uma integridade e uma integração dialógica, uma implicação dialógica, com o que, não ontologicamente, entendemos como o *ambiente* enquanto objetividade, o *ecossistema* assim entendido.

Aos modos de sermos, e conhecermos, da *consciência que não é vivência ontológica*: o modo de sermos reflexivo, conceitual; e o modo comportamental -- modos eu-isso de sermos --, o ambiente é um *isso*; é um objeto, circunscrito em seu caráter de objeto, de conhecimento representacional, reflexivo, conceitual. Ou em nossa *desconsciência* comportamental, em sua manipulatividade, e em sua utilidade.

Neste modo de sermos da vivência ontológica -- fenomenológica e existencial, da ordem da compreensão, da implicação, e não da *explicação*, dialógica, e *empática*, eu-tu --, o **ambiente** é, eminente e especificamente, *presença*.

Enquanto *presença* é, como tal, *ação*; é *atualização: atualidade*.

A *pres-ença* é o modo *pré-ente, pré-coisa*, de sermos: o modo fenomenológico e existencial, dialógico, compreensivo, *ativo*, de sermos. É o modo de sermos no qual, onto-lógicamente, vivemos possibilidades, e atualização; possibilidades e o seu desdobramento, no que entendemos como *ação*, *atualização*.

Este modo de sermos da presença não é da ordem da realidade, não é da ordem do acontecido, do factual, não é da ordem da coisidade.

Ainda que, passado o seu momento, a vivência se constitua inexoravelmente em coisidade, em realidade, em acontecido, eu-isso, ente, *ent-idade*.

Mas a vivência em si de possibilidades e dos seus desdobramentos, a *ação*, a *atualização*, em sua momentaneidade própria, o eu-tu, a vivência ontológica, é própria e especificamente, *pré-ente, é pres-ença*. E como modo próprio da vivência de possibilidade, e do desdobramento desta, é o modo de sermos da *ação*, é a *atualidade*, é o acontecer.

Pois bem, é preciso compreender que o *ambiente* só se dá, assim.

O ambiente em sua efetividade e atualidade ontológicas só se dá como *presente*, como *presença*; e como *atualidade*: como *atualização*, como vivência de *ação*.

Assim, nesse modo de sermos, e de devir; neste modo de ser devir o ambiente, o ambiente não é objeto, não é um *isso*. Não é acontecido, mas é a própria vivência dialógica do acontecer. É a vivência paulatina da performance, da ação, atualização, *inter ação* (ainda que não exclusivamente inter humana). É a dialógica da relação de um *eu* implicativo com a radicalidade alteritária de um *tu*. Na dialógica de momentaneidade *eu-tu*.

O termo *Ambi-ente* remete a ele como um ente própria e eminentemente *ambíguo*.

É ambíguo, o *ambi-ente*, tanto do ponto de vista *dialógico*; como do ponto de vista *fenomenológico e existencial*.

Do ponto de vista *dialógico*, o *ambi-ente* é *ambíguo* porque o ambiente pode, alternativamente, ser:

- (1) ***Ambiente como eu-tu***. Ontológico, presença, e atualidade. Acontecer. Neste caso, própria e especificamente *dialógico*.

E,

- (2) **O *Ambiente como eu-isso***. O ambiente como objeto, como coisas, como acontecido.

No modo especificamente ontológico, dialógico, de sermos -- do ***ambiente como eu-tu*** --, o *ambi-ente* oscila *alternadamente* na vivência da ambiguidade da movimentação *interativa* entre o *eu*, e a radicalidade alteritária de um *tu*. No modo ontológico, eu-tu, de sermos, assim, o *ambi-ente* oscila *ambiguamente*, na vivência da ambígua movimentação de uma *lógica dial*, dialógica: ambígua dinâmica de movimentação da momentânea *implicação interativa* entre um *eu* e a alteridade radical de um *tu*. *Logos*

Assim, em termos de dialógica, o ambiente é assim chamado porque é característica, própria e especificamente, *ambíguo: ambíguo* entre um poder ser dialógico, e um poder ser não dialógico. Em seu modo dialógico, ontológico, de ser, o ambiente é ainda ambíguo ao ser, em sua vivência, alternância dialógica da implicação interativa eu-tu.

Em termos de uma perspectiva fenomenológica e existencial, a ambiguidade do *ambi-ente* se constitui na alternância dele enquanto *ambiente no modo ôntico de sermos do ser ambiental*; e o *ambiente em seu modo ontológico de sermos*.

De um lado, *ao modo ôntico de sermos*, o ambiente vivido no seu modo de possibilidade exaurida, de coisa, de realidade, objeto; e, do outro, *ao modo ontológico de sermos*, o ambiente como vivência ontológica, de presença, e de ação, de atualidade, de sentido, e de desdobramento de sentido.

Assim, o ambiente pode se dar *ônticamente*, como coisa; e pode, alternativamente, se dar, ***ontologicamente***, fenomenológico e existencialmente,

como *vivência de possibilidade*, e do desdobramento desta: como *ação*, como *interpretação compreensiva fenomenológico existencial*, como *presença e atualidade*.

Neste modo ontológico, o ambiente se constitui, *estesicamente*, no âmbito de uma *estética ambiental*; e como uma hermenêutica ambiental fenomenológico existencial.

Da mesma forma em que alternamos, então -- entre um modo ôntico, e um modo ontológico de sermos --, assim alterna, também, o ambiente.

Ao modo ontológico, eu-tu, de sermos, duramos na intensionalidade da vivência ambiental de possibilidade que se desdobra em *atualização, ação*. E o ambiente se dá numa dualidade eu-tu, que é anterior à dicotomização entre *nós mesmos* como sujeitos, e o ambiente como objeto.

Como vimos, na momentaneidade da vivência, em nosso modo ontológico de sermos, o ambiente possui a potência da radicalidade alteritária de um *tu*, no desdobramento da dialógica eu-tu. Mas, neste caso, e justamente por isto, o ambiente, própria e especificamente, não é um objeto. Mas o devir de uma totalidade *inter ativa* que nos envolve e implica na dinâmica dialógica de sua integridade, na dinâmica implicativa de sua integração.

Ao modo *ontológico* de sermos -- ao modo ontológico de ser o ambiente --, *fenomenológico e existencial, hermenêutico, dialógico, compreensivo, empático*, o ambiente é, somos, vivenciado(s) como *estesia*. É o modo eminentemente *estético*, e *poiético* de sermos. Em seu modo ontológico de devir, o ambiente se dá como *estética*. A ciência e a consciência ambientais são eminentemente *estéticas*. Da mesma forma que é *estética* a sua *ética, lógica, ação, e metodológica*.

A vivência estética do ambiente deriva naturalmente da insistência na e da atualização da *estesia*, da sensibilidade não abstrativa. Deriva da qualidade de que é o modo não abstrato, não abstraído, não abstrativo, de sermos: o modo de sermos em que somos vivência imediata de corpo, e de sentidos; sem o distanciamento abstrativo teórico, ou comportamental. O corpo e os sentidos, enquanto vivência atualizativa, não estão abstraídos. O modo estético de sermos é sensibilidade atuante de vivência, de corpo, de sentidos.

O que define o estético, além de seu caráter pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-real, é o seu caráter de *atualidade* e de *presença*. O *estésico*, o *est-ético*, são *atualidade – ação, atualização --, e presença*.

O *estético*, o modo estético de sermos, é, assim, *atualidade e presença*. É o modo de sermos da ação, da atualização. Porque é, todo ele, impregnado de possibilidade e de ação; é animado pela força da possibilidade e de seu desdobramento, no que entendemos como ação, atualização, inter-pret-ação (especificamente *compreensiva*).

Ainda que não seja da ordem da realidade, da ordem da coisidade – já que é da ordem da possibilidade, e de seu desdobramento --, o estético, como vivência, é o modo de sermos que, em seu caráter de atualização, produz a realidade atualizada, constitui a atualidade realizada, à medida que a possibilidade se

desdobra, se atualiza, e se esvai enquanto tal, na constituição da realidade: do acontecido.

Esta vivência do desdobramento estético de possibilidade, no que entendemos como ação, em sua pulsatividade própria, no modo ontológico, estético, de sermos -- desdobramento que coisifica, que constitui os úteis e seus usos, que constitui a realidade, em sua ação, atualização --, este desdobramento e atualização, é o que entendemos como *poiese*.

A *insistência* neste modo de sermos da *poiese*, o privilégio deste modo de sermos, é uma ética: a *poiética*: a ética de anuência e do consentimento na potência, na possibilidade, e no seu desdobramento, na atualização, que são próprios ao modo ontológico de sermos, ao modo fenomenológico existencial de sermos, modo ontológico, dialógico, estético, poiético.

Pois bem, é nesse modo estético e poiético de sermos, assim, que o ambiente própria e especificamente se dá, em seu caráter ontológico originário. Como *atualidade*, e como *presença*; como ação, como atualização, como compreensão, como interpretação compreensiva.

PSICOLOGIA AMBIENTAL ROGERIANA.

Empatia e ética, estética, ambientativa.

Normalmente não se pensa a Abordagem Rogeriana de Psicologia e de Psicoterapia como uma abordagem possível de Psicologia Ambiental. O que é de todo um equívoco, e que produz prejuízos para a possibilidade da própria abordagem, e da Psicologia Ambiental. Uma vez que, enquanto abordagem fenomenológico existencial e dialógica, fenomenológico existencial hermenêutica, a Abordagem Rogeriana é, própria e especificamente, igualmente, uma substancial Psicologia Ambiental.

O elemento essencial, e central, da ética e da Abordagem Rogeriana é o modo de sermos da *ação*: da *atualização* --, própria e inerente à *presença dialógica* e à *empatia*. O próprio modo de sermos, portanto, da *presença dialógica* e da *empatia*, que se dá *eminentemente estésico, e estético*.

Este modo de sermos -- que é o modo ontológico, *eu-tu*, de sermos, modo estético de sermos, que é da ordem da *compreensão*, e da *implicação*, modo *compreensivo* de sermos --, foi privilegiado por Rogers no paradigma ético e metodológico da vivência de sua abordagem. Na verdade, a própria potencia e *ação, atualização*, que a vivência deste modo de sermos faculta, ontologicamente próprias ao humano, foram privilegiadas por Rogers, como referencial intrínseco de avaliação, de auto regulação, e de superação. Rogers compreendeu que uma *tendência para a ação*, uma *tendência para a atualização*, *tendência atualizante*, nos anima, impulsiona, e orienta, básica e ontologicamente, constituindo-se como o nosso referencial intrínseco de avaliação..

Este modo ontológico de sermos, modo de sermos da ação, da atualização, modo eu-tu de sermos, modo compreensivo de sermos, modo de sermos da compreensão, e da ação, da atualidade e da presença, modo de sermos que

constitui a emoção, é, própria e especificamente, o modo *empático* de sermos, o modo de sermos da *empatia*, da *compreensão empática*.

A *empatia* é este modo ontológico, fenomenológico e existencial, dialógico, e ativo, atualizante de sermos. Que é o modo de sermos que é continente para a emoção.

Podemos entender que *empatia* significa '*dentro*' do *pathos*.

O *pathos*, neste sentido, é o *pathos* entendido em seu sentido Grego original, de sensibilidade estética, e poiética. Sentido ainda continente para o caráter afetivo, emocional que acompanha este modo *path-ético* de sermos – esta ética de anuência e condescendência na momentaneidade estética, e poiética do modo *páthico* de sermos. Na acepção Latina de *pathos*, o *pathos* denota predominantemente sofrimento e doença, que termina por se constituir nas nossas concepções de *patologia*. Mas no sentido Grego originários *pathos* remete a *vivência ativa e emocionada*.

Em assim sendo, dá-se o modo de sermos da *empatia*, não apenas **no âmbito** -- dialógico, ontológico, fenomenológico, e existencial, ativo, atualizativo --, **da relação inter humana**.

Como *dialógica*, como *ontológica*, a *empatia*, igualmente, se dá no âmbito da **relação com a natureza não humana**, no âmbito da relação com o ambiente -- humano, e não humano --, portanto. E no *âmbito da relação com o sagrado*.

O que chamamos de *empatia*, assim, se refere substancialmente ao modo fenomenológico existencial de sermos, ao modo ontológico de sermos, ao modo dialógico, compreensivo, estético, e poiético, modo ativo, e atualizativo, de sermos.

Que é como vimos o modo próprio no qual pode se dar a integridade, e integração, da vivência ambiental; da vivência de nós próprios como *ambientes*. Como vimos, o ambiente não se dá, em sua integridade e integr-ação, como coisa, como objeto, como realidade, como acontecido, como um *isso*. Em sua integridade, o ambiente carece de nossa própria interpretação, de nossa própria ação, atualização... O ambiente só se dá como ação, como interpretação compreensiva, como compreensão, esteticamente, poieticamente, *empaticamente*, dialogicamente.

Na Abordagem Rogeriana, não obstante, este modo de sermos -- que é o modo ontológico e *ativo* de sermos, o modo estético de sermos, o modo de sermos da *ação* (da *atualização*), a *presença dialógica*, a compreensão, a *empatia* -- é indevidamente pensado normalmente como circunscrito à pessoa, e à relação interpessoal. Isto decorre evidentemente do objetivismo que ainda impregna certas mentes centradas, e da pouca disposição para o estudo e para o pensamento que esta condição determina, da falta de informação, e da carência de uma cultura fenomenológica e existencial em certos âmbitos.

Própria e eminentemente fenomenológico existencial e dialógico esse modo de sermos --, a limitação restritiva da empatia à relação interpessoal, é de todo indevida. E se dá, em particular, porque a empatia é pensada, ou não, a partir da perspectiva de um empirismo objetivista; e não fenomenológico. O que induz a uma distorção, e a uma perda deste seu caráter fundamental, a uma perda do

caráter *dialógico* de que se reveste o fenomenológico. Ou seja, a uma perda do caráter fenomenológico e existencial, e dialógico, próprio e específico à *ação* -- à *atualização* --, à *presença*, e à *empatia*. Caráter fenomenológico próprio ao modo ontológico de sermos.

Quando compreendemos o caráter específica e eminentemente fenomenológico e existencial, *dialógico* -- intrínseco, e inalienável --, da *presença*, e da *empatia*, da *ação*, *atualização*, entendemos o quanto é imprópria e indevida, não só a concepção delas como restritas à relação interpessoal imediata, como o concebê-las da perspectiva de um empirismo objetivista – e não da perspectiva vivencial de um empirismo fenomenológico, existencial, e dialógico.

Uma vez que, em particular, no caso, a vigência da momentaneidade do modo *dialógico de sermos*, fenomenológico e existencial – o modo de sermos *eu-tu*, na terminologia substancial de Martin Buber --, modo de sermos da ação e da atualização, a sua vigência, não se limita ao âmbito da relação interpessoal, no crucial – mas não exclusivo -- âmbito da relação *inter humana*.

Própria e especificamente, o *Dialógico* (cf. Buber, M. **Eu e Tu**), o fenomenológico e existencial, se dá, como vivência, como relação *eu-tu*, como *ação*, *atualização*:

- (1) no âmbito da relação com a natureza não humana;
- (2) no âmbito da relação com o sagrado, e...
- (3) no âmbito da relação inter humana.

No âmbito destas três esferas do modo de sermos da relação *eu-tu* o dialógico se dá, fenomenológica e existencialmente, como *presença*, como *atualização* – como *ação*, e como *empatia*...

De forma que não é, de modo algum, simplesmente no âmbito da relação interpessoal que se dá o dialógico, a presença, a atualização, e a empatia.

A condição de que o *dialógico*, o *fenomenológico* e *existencial*, própria e especificamente: a empatia, não se dá, apenas, no âmbito do interpessoal; a condição de que o *dialógico*, a *ação* – *atualização* --, a *presença*, e a *empatia*, enquanto modo de sermos, não se dá apenas no âmbito da dialógica do inter humano; mas similarmente se dá, nos âmbitos da dialógica da *relação com a natureza não humana*, e da relação *com o sagrado*, abre, não só, a possibilidade de uma **psicologia ambiental fenomenológico existencial**, como a possibilidade de uma **psicologia ambiental gestáltica**; assim como a possibilidade de uma **psicologia ambiental rogeriana**, compreensiva, e empática – dialógica, e fenomenológico existencial. Da mesma forma que abre a possibilidade da contribuição diferenciada do paradigma da psicologia fenomenológico existencial, do paradigma da Abordagem Gestaltáltica, e do paradigma da Abordagem Rogeriana para com a Psicologia Ambiental.

Isto porque a questão fundamental da Psicologia Ambiental, a questão fundamental da Psicologia ambiental fenomenológico existencial, dialógica, é a questão da vivência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, empática, ativa, ato-ativa, atualizante, do ambiente. A vivência dialógica do ambiente como *presença*. Ou seja, a vivência do ambiente ao modo de sermos que é próprio à ética,

à estética, e à metodológica da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial, rogeriana, gestáltica.

PSICOLOGIA AMBIENTAL GESTÁLTICA, NA TRADIÇÃO DA GESTAL'TERAPIA.